

O SOLDADINHO DE CHUMBO

Dullio Gomes

Deus faz voluntariamente aquilo que imaginam fazer por necessidade, quer dizer, ele possui livre arbítrio e deseja que nós também o tenhamos. Eu somente serei servo do Senhor, não dos homens **Dominador** vem de domínio. O Senhor e o servo. O motor e o móvel. Patrões, trabalhadores, trabalho e lucro, proprietários fundiários, o paraíso perdido da burguesia. O que Molotov foi fazer em Londres no ano de 1942? Todo ditador se aproveita dos sentimentos irracionais das massas e depois vêm me dizer que a palavra **fascista** não é um insulto porque existem democratas fascistas, judeus fascistas e trotskistas fascistas. Bruno deixou a rede e saiu da barraca. A noite estava morna, mansa e imóvel, pousada no zumbidos dos insetos. Ali no morro, ocultos por um labirinto de árvores, ele e seus companheiros podiam trabalhar em paz, editando volantes, limpando as armas, fabricando **molotovs**, separando balas por calibres, fotografando a região, armando alçapões de segurança ao longo da área em que se encontravam e sempre com um olho atento na pequena estrada de terra que circulava o pé do morro e ia dar na aldeia, a 160 quilômetros dali.

Ao meio-dia, almoçavam. As moças do grupo improvisavam uma refeição à base de soja, batatas e carne seca. Jean-Claude, o francês, deixava sempre para comer uma hora depois porque almoço ao meio-dia era uma coisa nojentamente burguesa, absurda para um grupo clandestino. Venha almoçar, m'sieur, sempre gritava Alfredão nessas horas, acrescentando — Marx e Stalin papavam ao meio-dia em ponto.

Deus é um ser simples, operação ou natureza? Se Ele tudo vê com providência e infinita bondade, porque deixaria seus filhos dos campos e das cidades oprimidos pela ditadura fascista? Por quê não lhes insufla consciência revolucionária e fé no marxismo? E nós, os do morro, não teríamos apenas uma coragem ilusória, sonhando com liberdade social enquanto a massa dorme feliz sem reação política? Suzana veio interromper as matutagens de Bruno, que à noite confundia São Tomás de Aquino com Wilhelm Reich, deitando-se sobre ele e tirando a sua camisa. Bruno suspirou longamente, deixando escapar Reich e São Tomás pela boca aberta. Trepar com a sua garota era mais que uma necessidade animal, era um alívio, uma terapia. Aos dezessete anos sentia-se confuso com as conversas dos camaradas adultos e as leituras compulsivas, descontraídas. Mas era feliz, ali no morro, caçando coelhos e se preparando para a grande defesa das massas oprimidas. Garantiam-lhe que a vitória das massas, ou pelo menos dos cidadãos de seu país, dependia um pouco da operação deles ali no morro e particularmente dele, com sua juventude e inocência ideológica. Ele ainda não fôra conspurcado por racionalizações reacionárias, escapara ileso de manipulações capitalistas, era um menino sem desejo de possuir todas aquelas engenhocas cintilantes e idiotas que o imperialismo jogava diariamente nas TVs para embotar algum possível impulso revolucionário desses meninos. Isso tudo os camaradas mais velhos lhe diziam e ele respondia sim, vocês têm razão, obrigado.

Os dias passavam sempre iguais, sem novidades. Bruno se impacientava com a tranqüilidade dos camaradas. Precisamos agir, insistia com os amigos, os volantes estão todos aí empilhados sem ter quem os distribua, as armas parecem objetos de decoração de tão brilhantes, pra quê polir todos os dias? Ficamos aqui parados esperando, esperando. Esperando o quê? Calma, aconselhavam os seus camaradas, isso é justificável em sua idade mas nossa operação requer, acima de tudo, auto-controle; na hora exata, buuum! Suzana dançava em volta da fogueira, ela gostava de dançar, agitando maciamente os quadris, girando como uma bailarina clássica e às vezes caricaturando gestos

graciosos. Mas era uma bailarina de verdade, com talento, e Bruno gostava de ficar olhando. Ele ficava assim seduzido, hipnotizado pelas palmas cadenciadas dos camaradas sentados em volta de Suzana. Um dia vou aprender a tocar violão, ele lhe prometia, para você dançar de verdade, ao som de música. Suzana, depois de dançar, ia sentar-se em seu colo. Jean-Claude estava sempre olhando para eles, acorçado em seu canto. Tinha um ar de cachorro abandonado com aqueles cabelos louros empapados de óleo e sua magreza de osso à vista. Ontem eu vi um jipe do exército passando na estradinha, contou Paulo P., reunindo-se ao grupo. Verdade? perguntou Bruno, subitamente interessado. Eu estava armando mais um alçapão de defesa, ali na frente leste, e vi eles passando. Um jipe com cinco milicos dentro. Passaram na maior velocidade e a poeira encobriu eles na curva, não deu pra ver direito se carregavam armas. Foram na direção da aldeia. E por quê não chamou a gente, por quê não atirou neles? perguntou Bruno, levantando-se. Todos o fitaram em silêncio. Bruno percebeu que havia dito uma besteira, não aprenderia nunca que agir compulsivamente numa situação dessa é uma espécie de suicídio? Naquela noite ele foi dormir revoltado consigo mesmo. Porra, porra, rosnou na rede, porra. Jean-Claude, ao passar pela sua barraca, parou e ficou alguns segundos olhando para dentro. Depois seguiu caminho. Suzana não apareceu.

Chovia na quarta-feira, enquanto Bruno descia cautelosamente a picada em direção ao rio. Ia se amparando em troncos de árvores e segurando cipós, todo alerta para não afundar em algum alçapão. Quando chegou ao rio, estava coberto de lama. Sentou-se um pouco acima da margem, perto do barco amarrado. O rio havia subido e as águas batiam nos troncos das árvores, jogando o barco para os lados.

Bruno enfiou a mão no bolso e tirou o lenço envolvendo um objeto. Desatou-o. Dentro dele estava o seu brinquedo, o único que ganhara em sua infância de menino pobre. Um soldadinho de chumbo. Bruno olhou-o com afeto antigo, analisando cada pequeno, desgastado e insignificante detalhe de sua anatomia fardada. O soldadinho trazia uma baioneta encostada no ombro

direito, um quepe com penacho e botas altas. Seus pés ficavam apoiados em uma base retangular. Ali solitário Bruno podia brincar um pouco sem ser alvo de zombarias dos camaradas. O que diriam eles, ou Suzana, se soubessem que o bravo guerreiro brincava com soldadinhos de chumbo? No mínimo expulsavam-no do grupo. Só de pensar, Bruno estremeceu. Olhou à sua volta. Nada. Ninguém. Somente a chuva caindo. Bruno amassou um pouco de barro, construiu uma espécie de trincheira entre galhos caídos e nela fincou o soldadinho. Seus olhos de liga, vazios, fitavam um ponto qualquer no centro do rio descendo em ondas turvas. Ali estava o seu brinquedo duro, sua fantasia, seu resto de infância. Um pedaço de chumbo, seu alterego, seu fac-símile que de repente podia criar vida, sob a chuva, e sair marchando, rótula, clavícula, omoplata, esterno, perônio e vértebra lombar. Bruno, sai da chuva que você vai resfriar. Limpando a lama do soldadinho e enfiando-o no bolso, Bruno entrou em casa. Vai trocar de roupa, ordenou a mãe. Na banheira de água morna o soldadinho afundou cem vezes, pulando da torneira, da borda esmaltada e da saboneteira. O pai trabalhava no correio e só chegava em casa à noite, cansado e faminto. A mãe punha o jantar na mesa, arroz, feijão, couve. Aos domingos tinham carne. A casa era pequena, precisando de reformas. Bruno fazia uns biscates na rua para ajudar em casa e a mãe chorava escondida no quarto. Eram magros, pobres e infelizes mas ele tinha o seu soldadinho de chumbo pescado em uma quermesse e isso iluminava um pouco a sua vida. Carregava-o no bolso, para onde fosse. E um dia a mãe morreu e o pai colocou-o em um orfanato, desaparecendo no mundo. A casa onde moravam era alugada, não tinham parentes nem amigos, a vida era uma merda, o mundo era uma merda. E ali agora estava ele novamente na chuva com o seu brinquedo, esperando que, de repente, a mãe o chame para dentro. É uma espécie de dor, ou revolta, o que sente, fazendo o soldadinho pular a trincheira e dar tiros em todos os sacanas poderosos do mundo.

Choveu durante nove dias seguidos. A água afundava as barracas e mofava os objetos dentro delas. O morro e a região em volta haviam adquirido uma tonalidade de prata antiga,

permanentemente envoltos por uma névoa dura. A caça havia sumido, todas as aves, coelhos e caititus entocados em algum buraco escuro e úmido. No quinto dia de chuva o grupo estava se alimentando somente de batatas e sojas. O humor, entre eles, também estava carregado. Alfredão havia gritado com Paulo P., que por sua vez foi brigar com a sua companheira, Anamélia. Quando a chuva parecia não querer mais parar, no sétimo dia, Jean-Claude conseguiu caçar um macaco gordo. A carne meio doce do macaco reanimou o grupo e à noite Suzana dançou na chuva, cantando uma versão meio política e meio safada de Singin'In The Rain. Beberam, naquela noite, a última garrafa de cachaça e quando o sol voltou a surgir as provisões estavam no fim. Bruno foi escalado para ir, de barco, à aldeia. Renovaria a despensa do grupo e aproveitaria para distribuir os volantes entre o povo. Suzana iria com ele. Na noite anterior à viagem, Jean-Claude apareceu em sua barraca. Ficou sentado no tamborete, olhando para Bruno, que empilhava os volantes em um canto. De costas para Jean-Claude e sem camisa, Bruno podia sentir sua respiração pausada enchendo a barraca como um balão. Gringo esquisito esse, pensou Bruno, dividindo os volantes em pacotes de cinquenta cada. Eu vim aqui te desejar boa-viagem e boa-sorte, Jean-Claude falou por fim, com seu sotaque carregado. Obrigado, respondeu Bruno, sem se virar. Sabe, continuou Jean-Claude, eu tenho pensado em você, tão jovem assim e já metido em guerrilha. É perigoso. Devia estar em uma faculdade ou trabalhando em algum banco. Não pense que sou um arrivista sujo ou um burguês decadente mas tenho cá minhas razões pra pegar em armas, quanto à você... você é como o caçula da família, alguém que precisa de orientação e talvez não seja este o melhor lugar para gastar sua juventude. Talvez não seja também sua luta, sua verdade, não sei se você entende o que eu quero dizer. Bruno ficou tão chocado com o que acabara de ouvir que permaneceu mudo. Apenas voltou-se para Jean-Claude e o fitou com assombro. Jean-Claude levantou-se. Não me leve a mal, desculpou-se o francês quase sussurrando, mas eu tinha de vir aqui te falar isso.

No dia seguinte, de manhã, todos desceram com Bruno e Suzana até o barco. Jean-Claude havia saído para caçar.

Enquanto o barco deslocava-se rio abaixo, Bruno ia remando, meio soturno. Suzana empilhava os pacotes com os volantes na popa do barco. Depois que terminou o serviço, examinou as duas armas que o grupo lhes havia entregue para qualquer eventualidade. Na aldeia sempre circulava um certo número de milicos e nunca era demais estar prevenido. Duas boas armas, comentou Suzana, guardando uma na bolsa de pano e entregando outra a Bruno. Este continuava absorto, remando. Ei você, falou Suzana, puxando o ombro de Bruno. Heim, fez Bruno, virando-se para Suzana. Você estava a três mil quilômetros daqui, riu Suzana; preocupado com os tiros? Não, não, respondeu Bruno, estava aqui pensando comigo. Se fôr em mulher pode desistir, ironizou Suzana enquanto enfiava a arma no alforje de Bruno, elas são apenas oito lá na aldéia e todas elas horrorosas, dentuças e invariavelmente prenhes dos maridos ou seja lá o que fôr que veste calça. Estava pensando em Jean-Claude, esclareceu Bruno. E contou-lhe o que o francês lhe dissera na noite anterior. Francês biruta, resumiu Suzana, quando Bruno terminou de contar.

Somente no fim da tarde chegaram à aldéia. O poente parecia uma hemorragia de bÍlis deslizando lentamente sobre os telhados dos casebres caiados. Tudo ali cheirava a peixe. Alguém fazia soar o sino da capela. Amarrando o barco a uma árvore e carregando os pacotes dos volantes, Bruno e Suzana tomaram a rua principal e começaram a andar como sonâmbulos. Os poucos postes de luz elétrica, espalhados pela aldeia, não eram suficientes para iluminá-la e no claroescuro de suas ruelas vultos e cães vadios caminhavam sem pressa. Civis e soldados bebiam em algumas vendinhas, com seus perfís mergulhados na luz suja de lâmpioes e velas. Suzana e Bruno estavam famintos e entraram em uma das vendinhas. Sentaram-se na mesa do fundo, deixando os pacotes sob ela. Comeram o que tinham para servir — chouriço, pão e rapadura. Pediram uma garrafa de vinho fabricado ali mesmo na aldeia e beberam em silêncio, enquanto

examinavam o local. Suzana já havia estado ali na aldeia mas para Bruno tudo era novidade. As pessoas na vendinha, o dono e os fregueses civis e militares, pareciam não dar conta da presença deles, bebendo e conversando por intervalos. A aldeia parecia ir se afogando lentamente no tédio, bocejando. Se permanecessem uma semana ali, ficariam irremediavelmente encarcerados na pressão hipnótica do local. Bruno pagou e saíram o mais discretamente possível, carregando os pacotes. Só então ele percebeu que os olhos se voltavam para eles. Havia um entendimento mudo entre os habitantes da aldeia, um código que somente eles conheciam, uma espécie de sinal de alerta controlado diante de estranhos carregando fardos suspeitos. Durante uma hora e meia Bruno e Suzana andaram pela aldeia, procurando sombras, enfiando os volantes por baixo das portas, entregando-os às crianças com a recomendação de que os distribuíssem aos seus pais, parentes e vizinhos. Aproveitavam também para jogá-los indiscriminadamente nos becos, onde se amontoavam mendigos e bêbados. Quando não tinham mais nenhum volante para distribuir, procuraram uma pensão que Suzana já conhecia. O gerente, um homem gordo sem camisa e sem dentes, cobrou adiantado o quarto por uma noite e o café da manhã. Depois bateu duas vezes a campainha velha da mesa da «gerência» e como não aparecesse ninguém, levou-os meio sem graça até o quarto. Atravessaram um corredor obstruído por latões de vários tamanhos. A partir dali a pensão soprava um hálito de óleo e gasolina, como se fosse um posto de estrada. Já no quarto, Bruno girou a taramela da porta, uniu as duas camas de solteiro e tirou a camisa. Suzana veio deitar-se ao seu lado. Que tal achou a nossa aldeota? perguntou ela, beijando sua orelha esquerda. Não sei, respondeu Bruno fitando o teto, a coisa me parece calma demais e há tiras demais também por aqui. O nosso sistema de distribuição de volantes vai funcionar? Isso de passar para as crianças que por sua vez passariam aos adultos está me parecendo arriscado; elas podem nos delatar. Não se preocupe, tranquilizou-o Suzana enquanto tirava a roupa, sempre deu certo. Já fizemos isso em outras aldeias. Compramos nossos mantimentos pela manhã e tomamos

o barco de volta. Volantes sempre exerceram um fascínio muito grande sobre o povo humilde. Não existe, entre eles, a noção do que seja subversivo ou não. Simplesmente se identificam com o nosso texto, que consideram sincero e justo. Os que sabem ler reúnem os vizinhos e parentes e transmitem a mensagem. Por outro lado, o nível de analfabetismo não é tão alto por estas regiões. Já vi muito volante nosso virar barquinho de papel ou aviaõzinho mas não foram também raras as vezes em que os vi pregados nas portas das casas, vendas, prostíbulos e capelas. Deus te ouça, murmurou Bruno, tirando a calça e a cueca. Antes de colocá-las ao pé da cama, apalpou o pequeno embrulho no bolso da calça. Coragem, companheiro, murmurou. Depois estirou-se sobre Suzana e somente então sentiu-se confiante.

Alta madrugada, enquanto Suzana dormia nua, Bruno ouvia insone remotos latidos de cães e o que lhe pareciam passos furtivos na calçada da pensão. Para se acalmar, ficou passando a mão na bunda da companheira. Era um gesto sem excitação, que lhe provocava apenas paz e uma onda macia de calor pelo corpo. A ideologia fascista considerava o nórdico muito próximo dos sentimentos puros, assexuados. Ser nórdico era ser puro, louro e com as axilas cheirando a flor de lis, enquanto o Oriente Próximo virara sinônimo de grossa sacanagem, o orgasmo babando e latindo. Devia ser ótimo ser Oriente Próximo, claro. Mas entre ser grego ou etrusco é preferível ser baiano, paulista, mineiro e ter a alma incorruptível, pelo menos a alma deve ser incorruptível. Bruno mergulhou em suas divagações até o fundo escuro do poço da madrugada e então o sol varou o vidro superior da janela do quarto, tirando chispas no espelho do lavatório. A pensão estava absolutamente silenciosa, de um silêncio pegajoso, suspeito. Bruno e Suzana vestiram-se e foram para a sala de jantar, tomar café. A mesa estava posta, com pão, queijo, uma cafeteira esmaltada e duas canecas de lata. Enquanto comiam, Suzana e Bruno notavam o silêncio da pensão, rachado apenas pelos pios de alguns canários presos em gaiolas. Onde estariam o dono da pensão e os outros hóspedes? Ou eles seriam os únicos pensionistas? Suzana lambeu os dedos melados de queijo e levantou-se. Vou ao quarto arrumar nossas sacolas pra

gente partir, anunciou. Bruno ficou alguns minutos sentado e limpando os dentes com as unhas. Depois levantou-se e resolveu procurar o dono da pensão. Os poucos quartos estavam com as portas fechadas. Bruno atravessou o corredor, ao longo dos tambores de óleo e gasolina, e chegou à mesa da «gerência». Estava vazia. Pensou em bater a campainha mas resolveu não fazê-lo. Se o dono estivesse por ali, no banheiro ou em seu quarto, e aparecesse, ele não teria muita coisa a dizer-lhe. Preferiu, portanto, sair e esperar Suzana lá fora. Girou a maçaneta da porta e abriu-a. A luz do dia caiu em seus olhos como um coice e por alguns segundos ele se sentiu atordoado. É que o coice de luz descia dos olhos ao peito e era como um trovão entrando nos ouvidos. Só então ele percebeu. Por pouco não teria tempo de dar meia-volta, fechar a porta atrás de si e pular para o lado enquanto os tiros furavam a porta e estilhaçavam os vidros das janelas. Suzana surgiu tropeçando nos tambores, com os olhos arregalados. Ficaram algum tempo abraçados, sem entender direito o que estava acontecendo. Por fim Suzana murmurou, nos pegaram. Bruno sangrava no peito. Suzana rasgou sua camisa e limpou o sangue com as mãos sem poder calcular a profundidade do ferimento. Foi uma armadilha, gemeu Bruno. Suzana correu para o quarto enquanto os vidros das janelas iam desabando sob o impacto das balas, o exército nacional em peso estava lá fora?, e quando voltou do quarto com as duas armas perguntou ofegando a Bruno, você pode atirar? enquanto se arrastava para a janela mais próxima. Abriu-a e atirou de cabeça baixa e sem rumo. Bruno escorregou por entre os tambores, subiu com dificuldade em um deles e tentou desesperadamente ver alguma coisa lá fora pelo vidro lascado. Havia fumaça, furor e ódio lá fora. Bruno começou a atirar mas o peito doía muito e de repente ele começou a sentir câimbras no braço direito. Pulou do tambor, batendo com a cabeça na parede. O tambor girou e tombou, derramando o seu conteúdo e indo chocar-se com um outro. O inferno se instalara ali, brotando da pólvora e do fragor de madeira, azulejo e vidro se rompendo. Suzana estava sentada com os olhos abertos e a arma pendurada em dois dedos. De repente, a explosão. E as chamas que puxam

as chamas, que puxam as chamas. Suzana continuava sentada. E puxava o braço de Bruno, acorda, acorda. O braço direito doía, o lado direito do corpo todo doía; a câimbra? o tiro? Você estava gritando, falou Suzana meio assustada, parecia que estava tendo um pesadelo. Bruno sentou-se na cama, olhando em volta. Ainda sentindo o braço dormente — devia ter dormido sobre ele — respirou fundo. Meu Deus, que horror, pensou, enquanto ia voltando a tomar conhecimento de seu corpo nu, do corpo nu de Suzana, da luz do sol varando o vidro superior da janela do quarto e tirando chispas no espelho do lavatório, em todos os espelhos da pensão, como um caleidoscópio absolutamente silencioso, de um silêncio pegajoso, suspeito.